

Joaquim Jaime B. Ferreira Alves *

A nova capela-mor da Igreja do Mosteiro de S. Bento da Vitória (1695-1703)

1. INTRODUÇÃO

Fundado no Porto nos últimos anos do século XVI, o Mosteiro de S. Bento da Vitória transformou-se, ao longo da sua existência, num dos mais notáveis edifícios da cidade, opinião já expressa por D. Rodrigo da Cunha¹ – «*He o seu mosteiro hu dos melhores edificios, que nella ha, & acabado podera competir com o maes perfeito de sua congregação em Portugal*»² – e confirmada, muito mais tarde, por Agostinho Rebelo da Costa ao designá-lo por majestoso – «*Toda a fabrica deste grande Mosteiro he magestosa em Igreja, Claustro, e Dormitorio*»³. O lançamento da primeira pedra, do que foi considerado «*uno de los mejores Monasterios de su Congregacion en Portugal*»⁴, teve a participação do Abade Geral Fr. Baltasar de Braga⁵, «*Persona grave, Religiosa y Prudentissima*»⁶, que ocupava então aquele alto cargo no seu segundo triénio (1596-1599).

Como acontece com alguma frequência nos edifícios das ordens religiosas, não só as obras decorrem lentamente, como por vezes as igrejas vão sofrer gran-

* Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

¹ Bispo do Porto de 1619 a 1627.

² *Catalogo e História dos Bispos do Porto*. Porto: por João Rodriguez Impressor de Sua Senhoria, 1623, p. 346.

³ *Descrição Topográfica e Histórica da Cidade do Porto*. Porto: Na Officina de Antonio Alvarez Ribeiro, 1789, p. 115.

⁴ FLOREZ, Henrique (Fr.) – *España Sagrada*. Madrid: por Antonio Marin, 1766, XXI, p. 203.

⁵ DIAS, Geraldo J. A. Coelho – *Do mosteiro beneditino ideal ao Mosteiro de S. Bento da Vitória. História, espaços e quotidiano dos monges - Parte II*. In «O Mosteiro de S. Bento da Vitória. Quatrocentos anos». Porto, 1997, p. 47. Queremos agradecer ao Prof. Doutor Geraldo J. A. Coelho Dias (OSB), nosso colega na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, as facilidades concedidas para fotografarmos a capela-mor.

⁶ NOVAIS, Manuel Pereira de – *Anacrisis Historial*. Vol. II. Porto, 1913. p. 90.

des alterações ou então são substituídas por novas. Tal aconteceu no Mosteiro de S. Bento da Vitória, onde uma primeira igreja foi substituída pela actual, a partir de 1693⁷.

Sobre o primeiro templo refere Fr. Leão de S. Tomás que: «*Começouse a obra pella Igreja da qual está feyto parte, & não se continuou por certo impedimento, que ouve, & acomodouse bastantemente por entre tanto no caso do capitulo*»⁸. Com esta notícia ficamos a saber que, nos fins da primeira metade de seiscentos – a *Beneditina Lusitana* foi publicada em 1644 (Vol. I) e 1651 (Vol. II) – a primeira igreja estava ainda por concluir. O que desconhecemos com exactidão é a dimensão do que estava feito e do que faltava fazer. Manuel Pereira de Novais⁹ diz-nos que «*estando echa parte de los Alçados de las Paredes Madres, Paró por cierto Impedimiento que hubo cerca de acabarla*» e enquanto «*se acabava la dificultad de la Iglesia, se acomodò una en el Capitulo, que se adorna a las mill maravillas, quedando eche Un brinco de perfeccion en el adorno para el Culto Divino*». Com esta notícia ficamos a saber que a igreja não tinha ainda cobertura, encontrando-se feita a parte dos alçados das paredes principais. Esta situação foi ultrapassada por volta dos finais dos anos trinta de seiscentos, já que temos conhecimento de intervenções que exigiam que a igreja estivesse concluída de paredes e cobertura. Essas informações ainda que não exaustivas permitem conhecer um pouco o seu interior ao nível da capela-mor¹⁰, no tempo do abade Fr. Francisco dos Reis (1641-1644 e 1644-1647), e em relação ao corpo da igreja. Segundo Fr. Leão de S. Tomás, Fr. Paulo do Rosário (abade entre 1647 e 1650) «*ornou a Igreja de azulejos, & mandou pintar cuidadosamente o forro de bayxo do choro*»¹¹. De azulejos seriam também cobertas as paredes da capela-mor no triénio (1662-1665) do abade Fr. Jorge de Carvalho¹². Podemos assim concluir que a primitiva igreja do Mosteiro de S. Bento da Vitória, após um período em que as obras estiveram paradas, foi cumprindo o seu programa arquitectónico/decorativo entre a primeira e a segunda metade de seiscentos.

Que razões levariam os beneditinos a construir uma nova igreja? A falta de documentos que esclareçam esta questão, entre os quais os relatórios trienais de 1674 a 1710¹³, dificulta a possibilidade de se dar uma resposta à pergunta. O

⁷ DIAS, Geraldo J. A. Coelho – *Cronologia da Ordem Beneditina em Portugal na Época Moderna e do Mosteiro de S. Bento da Vitória*. In «O Mosteiro de S. Bento da Vitória. Quatrocentos anos». Porto, 1997. p. 111.

⁸ SÃO TOMÁS, Fr. Leão de – *Beneditina Lusitana*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1974, v. II. p. 433.

⁹ *Anacrisis Historial*. Vol. II, p. 90.

¹⁰ SMITH, Robert C. – *S. Bento da Vitória, do Porto à luz dos «Estados» de Tibães*. Porto: Livraria Fernandes Machado, s. d., p. 19-20.

¹¹ SÃO TOMÁS, Fr. Leão – *ob. cit.*, p. 434.

¹² SMITH, Robert C. – *ob. cit.*, p. 21.

¹³ Idem, *ibidem*, p. 21.

novo templo (1693-1707) levanta também um problema da maior importância. Quem foi o autor do risco? Se a Diogo Marques (Diogo Marques Lucas) é atribuído o projecto da primeira igreja, não foi seguindo a mesma traça que se levantou a segunda. Daí não podermos associar, como sempre se tem feito, o nome de Diogo Marques à actual igreja. O seu arquitecto é, para já, desconhecido, mas poderá ser alguém que nessa altura trabalhava nas grandes obras que então se faziam nas casas beneditinas ou então uma figura da arquitectura portuense dos finais do século XVII. Esperemos que um dia se possa esclarecer este assunto.

2. A NOVA CAPELA-MOR

A nova capela-mor, levantada a partir de 1699, e cuja conclusão não podia ultrapassar 1703, faz parte da fase final da construção da nova igreja. Naquele mesmo ano, os beneditinos, além de fazerem um contrato (1699. Maio.19) relacionado com o dormitório que ficava para o Sul, ajustaram-se com o mestre de pedraria Domingos Pires de Matos (1699. Maio.19) para este acabar a abóbada «da igreja nova athe o fim da dita igreja»¹⁴. Seria o mesmo mestre pedreiro que juntamente com António da Costa, João Moreira e Manuel Luís, todos com a mesma profissão, arremataram a nova capela-mor em 18 de Dezembro de 1699¹⁵. Segundo o documento notarial, os mestres pedreiros obrigavam-se a executar, por «dezasete mil cruzados menos setenta mil reis», as seguintes obras: a capela-mor; o cruzeiro, com o lajeamento «em sepulturas»¹⁶; dois arcos debaixo do coro e mais alguns trabalhos no corpo da igreja.

Os mestres pedreiros que arremataram a obra da nova capela-mor tinham em primeiro lugar de demolir a antiga¹⁷ até encontrarem alicerce seguro, «de saibro,

¹⁴ ALVES, Joaquim J. B. Ferreira – *Aspectos da actividade arquitectónica no Porto na segunda metade do século XVII*. Separata da Revista da Faculdade de Letras-História. Porto, 1985. Vol. II, p. 13. Sobre a nova igreja escreveu Manuel Pereira de Novais: «La Iglesia nueva se va acabando y es uno de los mejores templos Monasticos que puede aver en el asseo y disposicion, y la fachada com su Galilea de mucho lavor, y enfin una de las mejores que ha de aver en esta ciudad, cuyas torres an de revelar mucho, porque, como por la posicion del sitio quedan en la celssitud ton ayrosas, sin concavos del impedimiento, han de ser de mucho adorno y Manificiencia en la Vista de la ciudad» (*Anacrisis Historial*. Vol. II, p. 91).

¹⁵ Arquivo Distrital do Porto (A.D.P.), Secção Notarial, Po-4, nº 102, fls. 241-243. Documento referido por FERREIRA-ALVES, Joaquim J. B. – *ob. cit.*, p. 13. A nova sacristia foi executada pelos mesmos mestres pedreiros, excepto João Moreira, a partir de 1705. Cf. BASTO, Artur de Magalhães – *Apontamentos para um dicionário de artistas e artífices que trabalharam no Porto do século XV ao século XVIII*. Porto, 1964. p. 418.

¹⁶ «de tres pedras cada huma devididas com seu fachão assim como esta no claustro terão relieixo para tres pedras».

¹⁷ Sobre alguns aspectos da primitiva capela-mor ver: SMITH, Robert C. – *ob. cit.*, p. 19-28.

pedra ou pisara», a partir do qual começariam a levantar a nova segundo o projecto que fazia parte das três plantas que lhes foram entregues¹⁸. Segundo os apontamentos transcritos no contrato conhecemos alguns aspectos relacionados com a nova capela-mor que passamos a referir:

- os alicerces teriam catorze palmos de largura «*athe a suprefisia da terra fazendo com toda a segurança de boa pedraria pedras grandes estronqueadas humas com outras para que fique seguro*»;
- da «*superfisia da terra*» para cima «*farão a obra no forma que vai risquada na planta de pedraria toda a pedra e alvenaria que seja boa na grandeza e a escoadria desta obra sera feita toda de pedra muito branca capas de se reseber e lavrada na forma da conformidade da outra obra*»;
- «*a abbobada sera feita com as mesmas molduras que leva o corpo da igreja e na mesma proposam*»;
- «*maisarão elles mestres todo o lagiado da capella mor em legeiras (sic)*»;
- «*os pisbiterios osarão na forma dos do Mosteiro de Santo Tirso e o altam*»¹⁹.

Referidos os elementos pelos quais os mestres pedreiros se deviam orientar para levantar a nova capela-mor, resta-nos falar do resultado dessa obra. A nova capela-mor de planta rectangular apresenta-se exteriormente com grande simplicidade (Foto 1). Nas paredes laterais abrem-se três grandes janelas rectangulares, para iluminação do seu interior, de grande sobriedade e com vãos em capialço. A primeira encontra-se junto à parede do transepto (onde se acha numa posição mais elevada uma janela igual às da capela-mor) seguida de outras duas, com a mesma distância entre si, ocupando as três janelas e parede que interiormente vai do arco cruzeiro ao retábulo-mor. A cabeceira, com duas pequenas aberturas, está contida entre duas pilastras de canto arrematadas por pináculos e cuja verticalidade da empena é acentuada por uma cruz acente num acrotério.

No interior (Foto 2), a capela-mor encontra-se dividida em duas zonas. A primeira (11,5 metros de comprimento por 8,76 metros de largura), entre as grades que a separam do cruzeiro e o presbitério, ao qual se acede por degraus e que está decorado nos frontais laterais com grandes cartelas constituídas por enrolamentos e ferragens. Este tema, divulgado pelas gravuras de Cornelis Floris (1514-1575) e Hans Vredeman de Vries (1527-1623) entre muitos outros, começou a divulgar-se no Porto, no interior e exterior dos edifícios, principalmente no último quartel do século XVII. A segunda zona é constituída pelo presbitério, ao fundo do qual se encontra o magnífico retábulo de estilo nacional que os beneditinos

¹⁸ «Se declararão elles partes que as plantas desta obra que são tres fiquão em poder delles mestres asinadas por elle Padre Pregador Frei Antonio dos Anjos para na forma dellas e da declaração que vai nas mesmas plantas se fara a dita obra». Infelizmente o documento não refere o autor das plantas.

¹⁹ A.D.P., idem, ibidem, fl. 241v.

A nova capela-mor da Igreja do Mosteiro de S. Bento da Vitória



Foto 1: Porto. Mosteiro de S. Bento da Vitória. Igreja. Capela-mor (1699-1703)



Foto 2: Porto. Mosteiro de S. Bento da Vitória. Igreja. Capela-mor. Aspecto Interior.

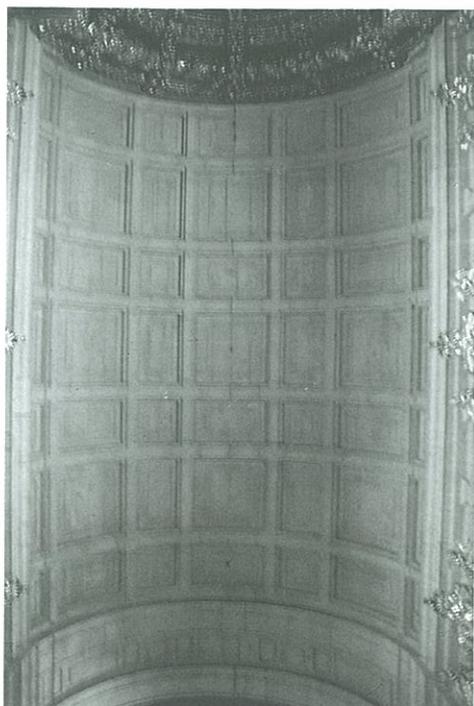


Foto 3: Porto. Mosteiro de S. Bento da Vitória. Igreja. Abóbada de berço da capela-mor.

mandariam fazer a partir de meados de 1703, altura em que a capela-mor deveria estar concluída. Robert C. Smith²⁰ que nos informa sobre vários aspectos relacionados com a nova capela-mor retirados dos relatórios trienais escreveu que, devido ao cadeiral (triénio de 1789-1792), foram tapadas as antigas portas laterais que lá existiam, ao mesmo tempo que duas das quatro pilastras toscanas que formam o arco cruzeiro foram cortadas no seu terço inferior. A cobertura é constituída por uma abóbada de berço formada por caixotões (Foto 3) quadrangulares (quadrados e rectângulos) que segue, como o próprio documento refere, o mesmo esquema que tinha sido feito para cobrir o corpo da igreja.

Com a conclusão da capela-mor em 1703 e da construção da sacristia, a partir de 1705, terminava o programa arquitectónico da nova igreja do Mosteiro de S. Bento da Vitória, cuja benção em 1707²¹ é o culminar de todo um processo que dotou a cidade com um dos seus melhores templos e cujo autor esperamos ainda poder um dia descobrir.

²⁰ SMITH, Robert C. – *ob. cit.*, p. 26-27.

²¹ DIAS, Geraldo J. A. Coelho – *Cronologia...*, p. 111.